

ENTRE A VÁRZEA E O PROFISSIONAL: SOBRE UM CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR

Allan de Paula Oliveira¹

RESUMO: Este texto apresenta um estudo sobre alguns aspectos relacionados à prática do futebol amador na cidade de Curitiba-PR. A partir de uma etnografia da Suburbana – tradicional campeonato curitibano de futebol amador – o texto convida o leitor à observação de dinâmicas internas a este universo futebolístico, tais como as relações comunitárias e de reciprocidade envolvidas, as pequenas redes sociais e econômicas acionadas na prática deste futebol, o lugar do futebol amador na história e na configuração urbana de Curitiba e os diferentes atores sociais que operam no futebol amador (jogadores, treinadores, jornalistas, torcedores). Além disso, a etnografia também possibilitou a observação das relações deste campeonato de futebol amador com o universo do profissionalismo, diante do qual ele aparece como “mercado de reserva”, e com universos ainda mais informais, como o “futebol de várzea”. Desta forma, o texto pretende contribuir para um estudo da diversidade das práticas futebolísticas no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: futebol; amadorismo; reciprocidade; profissionalismo.

BETWEEN PROFESSIONAL AND ‘VÁRZEA’: ABOUT A CHAMPIONSHIP OF AMATEUR FOOTBALL

ABSTRACT: This text presents a study about the practice of amateur football in Curitiba (Paraná State, Brazil). From an ethnography of Suburbana – a traditional championship of amateur football in Curitiba – the article invites the reader to a observation of internal dynamics of this football universe, as the comunitarism and the reciprocity that mark the relationships, the small economic and social nets organized to this football practice, the place of amateur football in the history and urban configuration of Curitiba city and the different social actors that works in the amateur football (players, coaches, journalists, supporters). Beside of this, the ethnography also allowed the observation of relationships between this amateur football with the professional football universe, before of which it is placed as “reserve labor force”, and with others football universes, more informal, as the “*futebol de várzea*”. In this way, the article aims to contribute to a study of the diversity of football practices in the actual world.

Keywords: football; amateurism; reciprocity; professionalism.

¹ Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: allan74oliveira@gmail.com.

Em dezembro de 2009, o Coritiba Football Club, uma das principais equipes de futebol profissional de Curitiba, estava nas manchetes da maioria dos cadernos de esportes do Brasil e de alguns no mundo. No dia 06 daquele mês, na última rodada da série A do campeonato brasileiro, o Coritiba empatou, no seu estádio (Major Antônio Couto Pereira) com o Fluminense, do Rio de Janeiro, sendo rebaixado para a série B do campeonato brasileiro. Este fato provocou uma invasão do campo por uma parte da torcida do time paranaense, que entrou em confronto com a polícia, resultando em muitos feridos, além de muitas imagens chocantes, transmitidas ao vivo pela TV para todo o Brasil. O fato causou grande indignação na cidade de Curitiba e durante todo o mês de dezembro de 2009 as atenções dos cadernos de esportes eram para as punições que o clube sofreria e as investigações e prisões de torcedores por parte da polícia.

Por isso, uma manchete, na página 2 do caderno de esportes do dia 21 de dezembro de 2009, “Cobrador de ônibus garante festa do bicampeão Urano”, passou despercebida de muitos leitores do jornal Gazeta do Povo, o diário de maior circulação da cidade. Não só pela atenção dada pelo jornal ao caso do Coritiba – a principal manchete do caderno de esportes daquele dia era sobre a situação da equipe alviverde – mas porque tradicionalmente certos campeonatos dificilmente ocupam a primeira página do caderno de esportes, a capa do caderno. Eles estão, contudo, sempre na contracapa. Todos os dias, todos os meses, há anos. E tais campeonatos, de forma quase discreta, envolvem uma parcela significativa da cidade de Curitiba.

O Urano, aludido na mensagem, é um dos principais clubes amadores da cidade de Curitiba, sendo que desde sua fundação, nos anos 60, ele disputa o Campeonato Metropolitano de Futebol, conhecido em Curitiba como “Suburbana”. O título de 2009 era o terceiro de sua história (fora campeão em 2001 e 2008) e marcava o seu primeiro bicampeonato. A final da Suburbana daquele ano, disputada contra o Trieste, tivera uma cobertura generosa da imprensa: três emissoras de rádio, bem como dois diários da cidade. Apesar disto, e apesar de ser o assunto de maior pauta na edição do caderno de esportes da Gazeta do Povo do dia 21, ocupando duas páginas inteiras, a Suburbana não era capa, era contracapa. A relação capa-

contracapa oferece uma interessante metáfora para se pensar o lugar deste campeonato de futebol amador na cidade de Curitiba.

Este texto tem como objetivo explorar este lugar e pensar sobre esta relação com a “capa do jornal”. Partindo de um acompanhamento etnográfico do campeonato, feito no segundo semestre de 2010, o texto pretende convidar o leitor a uma reflexão sobre a relação entre o futebol profissional e o futebol amador, bem como para os inúmeros significados que um campeonato de futebol amador possui numa era onde o futebol de espetáculo, midiático, se apresenta cada vez mais presente na forma como muitos vivem o futebol.

A Suburbana

O Campeonato Metropolitano de Futebol Amador de Curitiba, a “Suburbana”, é disputado desde 1941, a partir da fundação da Liga Suburbana de Curitiba. É o principal campeonato de futebol amador da capital paranaense e, devido a sua longevidade (72 anos, em 2013), possui uma verdadeira “aura” no universo do futebol curitibano. Embora tenha uma pequena, porém constante, cobertura por parte da imprensa local, a Suburbana não tem a mesma visibilidade do futebol espetacularizado, representado por clubes como Atlético-PR e Coritiba. Conhecer-la significa um movimento dentro do universo futebolístico de Curitiba, uma abertura para dimensões da prática e do usufruto do futebol não imediatamente visíveis a quem vem de fora. Em uma etnografia sobre o tema, a Suburbana foi chamada de “Lado B” do universo do futebol em Curitiba². Vivida por muitos, é uma dimensão do futebol imersa na cotidianidade da população de muitos bairros da cidade, de tal forma que a Suburbana é notícia sempre na contracapa dos jornais, no lado B. Nesse sentido, o próprio fato de se tomar a Suburbana como “objeto de estudo” significa uma observação do meio urbano no sentido de chamar a atenção para uma prática que, para muitos curitibanos, não é digna de atenção – embora, para outros tantos, seja central no seu cotidiano.

² Cf. OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Helder Cyrelli de e MACHADO, João Castelo Branco. *O Futebol da Contracapa*. Curitiba: Máquina de Escrever, 2012.

A “aura” da Suburbana não advém somente de sua longevidade. Advém também, dentre outros fatores, do fato de que o campeonato é disputado por equipes representando clubes bastante tradicionais da cidade de Curitiba. Das 26 equipes que disputaram as duas séries da Suburbana – série A e série B – 18 representavam clubes com mais de 50 anos de idade. Um deles, o Iguaçu (Sociedade Operária Beneficente Esportiva Iguaçu), é de 1919, sendo mais antigo que a maioria dos clubes da cidade que disputam campeonatos profissionais³. Muitos outros clubes são das décadas de 30 e 50 e são índices de processos sociais importantes⁴: a expansão urbana de Curitiba, com clubes sendo criados como espaços de sociabilidade em bairros recém inseridos na malha urbana; a profissionalização do futebol, a partir da década de 30, que criou uma cisão no campo futebolístico, com o surgimento de equipes sem condições de profissionalizar-se; a expressão na esfera pública de identidades étnicas, como é o caso do próprio Iguaçu, cuja história é também a da imigração italiana para Curitiba. A esses processos voltarei adiante. Por hora, cabe apontar como tais aspectos dão à Suburbana um caráter de tradicionalidade bastante marcado e que se expressa em discursos e práticas de seus próprios agentes.

Desde sua criação, o campeonato teve diferentes fórmulas de disputa e um número variável de participantes, divididos em duas séries – A e B

³ Para efeitos de comparação, o Coritiba é de 1909 e o Atlético Paranaense (Clube Atlético Paranaense) é de 1924. Para informações históricas do Atlético Paranaense – e, por extensão, do futebol profissional em Curitiba – cf. CAPRARO, André Mendes. O Estádio Joaquim Américo – a ‘Arena da Baixada’ – e a identidade clubística do torcedor do Clube Atlético Paranaense In: *Campos*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 131-149, 2004. Informações historiográficas também podem ser obtidas em trabalhos de cunho jornalístico – com muitas informações, porém com ausência de crítica às fontes – tais como: MULFORD, Levi e MACHADO, Heriberto. *Futebol no Paraná: 100 anos de história*. Curitiba: edição dos autores, 2005; COELHO, Vinícius e CARNEIRO NETO, Antônio Carlos. *Atletiba: Edição dos Autores*, 1994.

⁴ O termo “índice” será usado muitas vezes neste texto e seu uso reflete minha leitura do texto de GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” In: *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, no qual este autor chama a atenção para um paradigma epistemológico – aplicado às ciências humanas, segundo ele, pela psicanálise – que toma determinados fatos como índices de questões mais amplas, mas sem com isso reduzir a singularidade dos fatos. A descrição que Ginzburg faz deste paradigma epistemológico me parece relacionado a desenvolvimentos recentes da escrita etnográfica, relação esta que merece maiores análises. Cf., por exemplo, o manifesto de WILLIS, Paul; TRONDMAN, Mats. Manifesto pela Etnografia In: *Educação, Sociedade e Cultura*, São Paulo, n. 27, 2008, p. 211-220.

(correspondentes a uma primeira e segunda divisão)⁵. A transição de uma série a outra equivale aos movimentos de “ascensão” e “rebaixamento” típico dos campeonatos profissionais, que oferecem também o modelo de organização da Suburbana: o campeonato tem seu início quando todos os clubes se reúnem em um arbitral que define as regras – a participação ou não dos clubes dependendo da aceitação das mesmas – o sistema de pontuação (três pontos em caso de vitória, um ponto em caso de empate), a fórmula de disputa do campeonato, o agendamento das partidas e de festas de premiação ao final do campeonato – com prêmios aos melhores jogadores, treinadores e juizes.

Assistir a uma partida de futebol da Suburbana não é muito diferente de assistir a uma partida de futebol profissional. Este último, conforme será desenvolvido ao longo do texto, oferece o **modelo** que orienta muito da ação dos agentes envolvidos na Suburbana – jogadores, técnicos, juizes, dirigentes, jornalistas e torcedores. Os pequenos rituais que se observa em uma partida de futebol profissional estão lá: o aquecimento dos jogadores, o *ethos* da competição e da vitória, o radialista entrevistando os jogadores antes do início da partida, a participação da torcida, confusões e brigas entre jogadores e entre torcidas. Porém, todos estes aspectos aparecem em **escala reduzida**, como se a Suburbana fosse uma miniatura do futebol profissional.

Um exemplo disto pode ser tomado pelos corpos dos jogadores. A maioria, dividida entre outras atividades e a prática do futebol não possui o capital corporal tão desenvolvido quanto jogadores profissionais, sendo que este fato – e não uma diferença técnica – é o que geralmente é acionado pelos agentes em questão quando confrontados com uma diferenciação entre o campeonato que disputam e o futebol profissional⁶. Um jogador

⁵ Nos últimos anos a Suburbana tem sido disputada por 26 equipes, sendo 12 na série A e 14 na série B. Sobre isto cf. OLIVEIRA, SOUZA e MACHADO, op. cit.

⁶ Vale observar que se trata, aqui, de uma comparação entre os usos do corpo no futebol profissional e no futebol amador. Há, em cada um desses dois universos, tomados separadamente, valorações diferentes deste capital e seria errôneo afirmar que no futebol amador o corpo não seja um elemento capitalizado. No caso da Suburbana, sobretudo entre jogadores mais jovens, o cuidado com a forma física é perceptível e fundamenta uma série de ações de normatização dos corpos (exercícios e dietas, por exemplo). No entanto, a dimensão dessa capitalização do campo é menor quando comparada com aquela que opera

afirmou “*eu poderia estar no profissional. O pessoal do Atlético [Atlético Paranaense] já me disse isso. Eu só precisava trabalhar o lado mais atleta, físico. Tem muita gente aqui que é a mesma coisa: joga muito, mas não aguenta o tranco do profissional*”. Mas os jogadores da Suburbana, por outro lado, tem um preparo físico melhor do que meros praticantes ocasionais de futebol. Alguns clubes realizam treinamentos físicos durante a semana, já que os jogos ocorrem somente durante os finais de semana⁷. Ou seja, o capital corporal é um bom exemplo deste “modelo reduzido” do profissionalismo, do qual está mais perto do que do universo das peladas.

A organização do campeonato está a cargo da Liga Suburbana de Curitiba, que é filiada à Federação Paranaense de Futebol (FPF) – a mesma entidade que gerencia o futebol profissional no estado. A sede da Liga, inclusive, funciona nas dependências da FPF. Pelo fato desta federação ser filiada à Confederação Brasileira de Futebol – entidade que gerencia o futebol em âmbito nacional – e esta, por sua vez, ser filiada à FIFA – Federação Internacional de Football Association – há um quadro de relação entre o local e o global muito interessante. Ao mesmo tempo revela a extensão do poder da FIFA no gerenciamento do futebol no mundo, à medida que este se estende para além do profissionalismo e abarca também as práticas relacionadas ao amadorismo. Obviamente, este controle é relativo e existem milhares de campeonatos amadores não regulamentados pela FIFA. Porém, e este é um dos pontos que sugiro ser digno de nota na Suburbana, é interessante observar a extensão das teias burocráticas e normativas da FIFA sobre o amadorismo. No caso em questão, significa que todas as equipes que disputam a Suburbana têm suas atuações gerenciadas, mesmo que de forma muito indireta, pela FIFA. Por exemplo, pelo fato da Suburbana ser disputada por equipes federadas (filiadas à Federação

no futebol profissional, universo cada vez mais orientado no sentido de uma capitalização do corpo. Teoricamente, uma comparação deste tipo pode ser fundamental na proposta de um estudo dos esportes tal como apresentada por BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 181-204, segundo o qual há que se observar, de uma perspectiva relacional, as formas diferenciadas que cada esporte apresenta no tocante “uso do corpo” (esportes de contato físico/esportes sem contato físico, por exemplo).

⁷ Há alguns anos, a Suburbana é disputada no segundo semestre, entre os meses de julho e dezembro.

Paranaense de Futebol), todos os jogadores que disputam o campeonato também se encontram nessa relação de controle por parte da Federação – e, de forma indireta, por parte da CBF e da FIFA. Além disso, qualquer transferência de um jogador, de uma equipe para outra, deve ser registrada na FPF. Esta “vigilância”, ou para usar um termo melhor, normatização, se expressa nos controles das idades dos jogadores que disputam o campeonato; nas arbitragens das partidas, feitas por juízes e bandeirinhas da própria Federação Paranaense de Futebol; e no controle dos espaços dos jogos, como a exigência de que todos os clubes que disputam a Suburbana tenham estádios murados⁸.

A relação com a FPF – e, por extensão, com outras superiores agências de normatização das práticas futebolísticas – mostra como a Suburbana está incluída nestas redes de normatização das práticas, centrais para a compreensão da dimensão que o esporte assumiu na vida moderna⁹. No entanto, é útil observar que se trata de uma prática futebolística que mantém laços com outras dimensões dos futebolis que escapam às redes normativas, tanto do Estado quanto das agências reguladoras. Refiro-me aqui ao fato da Suburbana ser um campeonato de futebol amador, ou seja, sem a mesma amplitude de organização do futebol mais midiático. Minha sugestão, e que será desenvolvida ao longo deste texto é que a Suburbana

⁸ Os árbitros que atuam nas partidas da Suburbana são, geralmente, iniciantes no quadro de árbitros da FPF, de modo que a Suburbana, para muitos, é vista como o primeiro passo para a consolidação da atividade de árbitro. Um exemplo muito citado na Suburbana é o fato da final do campeonato de 2009 ter sido apitada por um dos principais árbitros brasileiros da atualidade, o qual havia iniciado sua carreira no campeonato curitibano.

⁹ Há um certo consenso entre os historiadores de que a popularização das práticas esportivas, levada a cabo a partir da segunda metade do século XIX, está ligada ao entrelaçamento de uma série de fatores: o desenvolvimento de uma ideia de esfera pública, processos de disciplinamento e normatização do corpo, cristalização de formas de socialização (como os clubes, por exemplo), dentre outros. Cf., sobre estes pontos e como ponto de partida para uma historiografia cada vez mais ampla, ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985; JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999, p. 17-40; SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio” In: NOVAIS, Fernando e SEVCENKO, Nicolau (orgs.). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Estes dois últimos analisam o caso da introdução dos esportes no Brasil e oferecem valiosas indicações bibliográficas. Para as conotações sociológicas desse processo histórico, cf. BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003; BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 207-220.

está situada a “meio caminho” entre o futebol de espetáculo (matriz espetacularizada) e outras matrizes futebolísticas (a bricolada, representada pela pelada, e a comunitária, representada pelo futebol de várzea) e que, por isso mesmo, oferece um excelente espaço para a observação das dinâmicas envolvidas na prática do futebol na atualidade¹⁰.

A exigência de estádios murados para a participação na Suburbana exige dos clubes uma certa estrutura, o que de saída exclui deste campeonato equipes sem vinculação a clubes. Ou seja, a Suburbana é um campeonato de clubes, todos com sede própria. Por outro lado, os estádios da Suburbana são bem modestos: a maioria não permite a assistência dos quatro lados do campo. No campo do Iguaçu, por exemplo, o público deve assistir à partida de pé, encostado no alambrado. No Urano (Associação Clube Esportivo Urano) há uma arquibancada de cimento, com capacidade para umas 300 pessoas, além de ser um estádio com iluminação, o que permite jogos noturnos (nem todos os estádios têm esta comodidade). A exceção é o estádio do Trieste Futebol Clube – apelidado de *Trieste Stadium*, que conta com uma arquibancada coberta em dos lados do campo – nos outros três lados, o público assiste de pé, junto ao alambrado¹¹.

Os clubes que disputam a Suburbana oferecem, como foi apontado acima, campos de estudo dos mais variados fenômenos sociais e históricos. Muitos clubes, por exemplo, são centrais para o estudo dos movimentos migratórios que marcaram a história da cidade de Curitiba desde o final do século XIX. Os já citados Iguaçu (fundado em 1919) e Trieste (fundado em 1937) são clubes ligados à imigração italiana. Por sua vez, muitos clubes têm sua história diretamente relacionada com os movimentos migratórios que

¹⁰ A referência às matrizes futebolísticas – espetacularizada, bricolada, comunitária – se deve a minha leitura de DAMO, Arlei. *Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: HUCITEC, 2007: capítulo 1. Damo deixa claro que estas matrizes não possuem um valor heurístico em si, ou seja, não denotam fatos que possam ser isolados e tomados como autônomos. Pelo contrário, tais matrizes são muito mais recursos descritivos na tentativa de abarcar a natureza múltipla do que é prática do futebol na atualidade. Ao longo do texto, o lugar da Suburbana entre estas matrizes – bastante específico, a meu ver – será explicitado.

¹¹ É comum os clubes alugarem seus estádios para escolinhas de futebol, quando não abrem suas próprias escolinhas. No caso do estádio do Trieste, devido ao fato dele ser um dos melhores espaços esportivos da cidade (além do campo, o estádio possui dependências muito bem equipadas para ginástica e atividades físicas), ele é utilizado com frequência por equipes profissionais de outras cidades que vão à Curitiba jogar contra os times da cidade.

modificaram o mapa urbano de Curitiba a partir da década de 40, formados menos de etnias advindas da Europa – como havia ocorrido entre 1880 e 1930 – e mais por um movimento de êxodo rural, advindo de áreas do interior do estado do Paraná e de outros estados, tais como São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹². É o caso de clubes como o Combate Barreirinha (Combate Barreirinha Futebol Clube, fundado em 1945), o Vila Hauer (Vila Hauer Esporte Clube, fundado em 1950) ou o já citado Urano (fundado em 1968), todos ligados a regiões da cidade de Curitiba e região metropolitana cuja história é marcada pelo fluxo migratório de trabalhadores oriundos do interior a partir dos anos 40¹³. Tais clubes operam, em diferentes níveis sociais, as funções sociológicas atribuídas a fenômeno do clubismo: práticas de sociabilidade construídas em torno de diversos fatores (território, etnia, trabalho, geração, dentre outras), lazer, expressão de conflitos sociais (estabelecidos em torno de variáveis diversas, tais como classe, estrato ou etnia) e, conforme será apontado adiante, a função relativa ao trabalho – como fontes sazonais de ganhos¹⁴.

¹² Para as migrações no período 1880 e 1930, cf. PEREIRA, Magnus Mello. *Semeando Iras Rumo ao Progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996, e WACHONOVICZ, Ruy. *História do Paraná*. Curitiba: Editoria Gráfica Vicentina, 1977. Iguaçu e Trieste têm suas sedes no bairro Santa Felicidade, tradicional bairro de Curitiba – e ponto turístico – historicamente ligado à imigração italiana para o município.

¹³ Barreirinha e Hauer são dois bairros de Curitiba. O Urano, por sua vez, traz em seu nome o topônimo de uma vila, Vila Urano, que é uma das regiões centrais de outro bairro, o Xaxim. Estes 3 bairros foram urbanizados (ou seja, incorporados à malha urbana) a partir dos anos 60 e tiveram um acréscimo populacional ligado aos movimentos migratórios advindos de áreas rurais do centro-sul do Brasil. No caso do Xaxim, em particular, sua história está ligada à criação da Cidade Industrial de Curitiba, no final dos anos 60, que deu um impulso enorme a ocupação do bairro. Não possuo dados que me permitam afirmar um caráter operário do Urano.

¹⁴ O fenômeno do clubismo tem sido apontado pela historiografia como um exemplo de fenômeno moderno – que pode ser remontado ao jogo entre público e privado que passa a marcar a sociedade europeia entre os séculos XVI e XVIII – que, num processo de circularidade, popularizou-se a partir das transformações sociais no século XIX. O clube, constituído em torno da ideia de distinção – que marca a sociedade de castas que emerge da Renascença (cf. ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocrática da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001) – é apropriado por novos atores sociais, que ascendem à esfera pública no século XIX, como é o caso dos operários. Vale observar que esse movimento guarda um tanto de continuidade com formas anteriores de organização: lembremos do peso das irmandades religiosas em todo o mundo católico, desde o século XIII. A novidade dos clubes no século XIX talvez estivesse na centralidade do elemento do lazer. Sobre o clubismo e a distinção, numa perspectiva historiográfica, cf. AYMARD, Maurice. “Amizade e Vizinhança” In: CHARTIER, Roger e

O peso do clubismo na Suburbana dá a este campeonato, conforme apontado, muito da sua aura de tradicionalidade. Exatamente por ser disputada por equipes representando clubes que são referências no cotidiano de muitos moradores de Curitiba e região metropolitana – e que constituem espaços de agência em torno de diversos fatores – a Suburbana assume um aspecto de evento tradicional do esporte em Curitiba. E é interessante que, para muitos dos agentes deste universo (jogadores, torcedores, jornalistas), os clubes que disputam a Suburbana nada devem aos clubes que disputam o futebol profissional. “*Bota o Atlético [Paranaense] contra o Trieste para ver se ele aguenta*”: esta fala foi uma das inúmeras ouvidas durante a pesquisa na Suburbana e ela aponta justamente para este dado – de que para muitos de seus agentes, a Suburbana não deve nada ao futebol profissional.

A “chuteira imortal” como devir

A fala “*Bota o Atlético [Paranaense] contra o Trieste para ver se ele aguenta*” revela também o lugar de referência – ou conforme sugeri, de modelo – do futebol profissional para muitos dos agentes envolvidos na Suburbana. Ou seja, o futebol profissional aparece aqui como o “Outro” – diante do qual a Suburbana se constitui. Esse é um dado muito interessante, porque permite observar a relação entre os diferentes futebolis – profissional, amador, várzea, pelada – e de como tal relação é compreendida por agentes concretos. Durante a pesquisa de campo ouvi várias vezes frases como “*a Suburbana não é pelada*” ou “*isso aqui não tem nada a ver com a várzea*”. Ouvimos isto de jogadores, jornalistas e torcedores. Tais falas, antes de tudo, revelavam como a constituição da Suburbana e da imagem que seus agentes têm deste universo está atrelada ao futebol profissional. Este é uma espécie de “devir” que espreita a Suburbana – o profissionalismo é um espaço que, como será apontado, está

ÀRIES, Phillipe. *História da Vida Privada*. Vol. 3: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Para uma análise do clubismo entre operários, relacionado à história do futebol, cf. HOLT, Richard. *La Tradition Ouvrière Du Football Anglais*. In: *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, Paris, vol. 103, Les Enjeux du Football, 1994, p. 36-40, e GOLDBLATT, David. *The Ball is Round: a global history of football*. London: Penguin Books, 2006. Kindle Edition: cap. 3.

ou esteve no horizonte de muitos na Suburbana. Mais do que isto, o futebol profissional e, para além dele, aquele mais midiático e espetacularizado, oferece uma espécie de “modelo para a ação” – nos termos de Geertz¹⁵ – diante do qual muitos dos discursos e das práticas da Suburbana são acionados.

A “*Suburbana não é pelada*” opera exatamente neste sentido: o de aproximar o campeonato do profissionalismo e seu grau de organização. A pelada e a várzea – verdadeiros mitos na prática do futebol no Brasil – são vistos como a essência do amadorismo e os próprios agentes da Suburbana, oficialmente um campeonato de futebol amador, procuram se afastar disso. A principal característica da pelada, a bricolagem e o improviso no tocante a todos os aspectos da prática futebolística, são negados a todo instante na Suburbana e situações onde o improviso aparece automaticamente são relacionados à pelada. Numa partida entre o Nova Orleans (União Nova Orleans, fundado em 1973) e o Trieste, no estádio do primeiro, em um momento que a equipe se lançou ao ataque de forma desordenada, vários torcedores afirmaram, em tom crítico, “*virou pelada*”¹⁶. Nesse sentido, chamar de “pelada” as partidas da Suburbana é uma ofensa aos seus participantes¹⁷.

Por outro lado, o exemplo citado acima revela como este futebol amador atualiza a divisão do trabalho, rígida, que opera no profissionalismo. É muito interessante observar como as equipes da Suburbana se prendem a essa divisão, que se expressa em táticas de organização das equipes dentro de campo. Indiretamente, isto limita improvisos individuais: dificilmente um jogador tentará algo fora do previsto, que saia do ordenado por seu treinador. Inclusive, este aspecto é visto como a “essência do

¹⁵ GEERTZ, Clifford. “Religião como Sistema Cultural” In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

¹⁶ Orleans é um bairro do município de Curitiba, cuja urbanização data dos anos 60.

¹⁷ Exatamente por seu caráter espontâneo e bricolado, é difícil uma pesquisa sobre a pelada. Pesquisas tendem a observá-la somente no momento em que ela se fixa em mínimos níveis de organização, como é o caso do futebol de várzea em algumas cidades. Sobre este, ver nota abaixo.

profissionalismo”: saber jogar em equipe e seguir orientações¹⁸. Daí a negação do improvisado da pelada.

O mesmo afastamento aparece em relação ao outro elemento mítico da prática do futebol no Brasil: a várzea. Em certa medida, o *futebol de várzea* e a pelada são sinônimos. Contudo, em algumas cidades – como São Paulo, por exemplo – determinados campeonatos de futebol de várzea adquiriram tamanha estabilidade e tradição que também os torna distantes da bricolagem que marca a pelada. Nesse caso, a Suburbana de Curitiba seria o equivalente destes campeonatos de várzea. No entanto, no caso curitibano a expressão “futebol de várzea” é usada para denotar campeonatos cuja organização se dá num nível menor do que o da Suburbana e que conta com equipes não tão tradicionais como as que disputam a Suburbana. Nesse ponto de vista, o futebol de várzea seria um futebol mais amador do que o praticado na Suburbana.

Curitiba, nesse sentido, é muito pródiga. Há uma centena de campeonatos, ao longo de todo ano, que congregam equipes não relacionadas a clubes – meros grupos de pessoas que se organizam temporariamente para disputar um campeonato – bem como equipes não federadas. É o caso, por exemplo, de campeonatos organizados por critérios etários, cujos nomes revelam a intenção: *Quarentinhas*, *Cinquentinhas*, *Sessentinhas*. Tais campeonatos envolvem equipes temporárias – sem filiação na Federação Paranaense de Futebol – e equipes organizadas por clubes tradicionais, filiados. Do ponto de vista da Suburbana, esses campeonatos, mais amadores, seriam o equivalente do futebol de várzea¹⁹.

¹⁸ O que dá aos treinadores um poder simbólico imenso. Não tenho como apresentar este aspecto a partir de falas dos próprios jogadores – aqueles que entrevistei não trataram deste ponto. Ou seja, esse é um aspecto da observação que ainda merece ser cotejado com elaborações êmicas. No entanto, é interessante lembrar como no futebol profissional, nos últimos anos, um *ethos* de “trabalho em equipe” se tornou mais agudo, dando pouco espaço para aqueles que não se coadunam com esta ética (os jogadores mais rebeldes, sintomaticamente, são acusados de “pouco profissionais”) e elevando o peso simbólico da figura do treinador. No Brasil, por exemplo, um treinador profissional como Flávio Costa ou Vicente Feola (décadas de 40, 50 e 60) nem de longe usufruíam do prestígio e do poder concedidos a figuras como Luiz Felipe Scolari ou Vanderlei Luxemburgo. Sugiro que esse mesmo movimento encontra ecos neste futebol amador.

¹⁹ O futebol de várzea conta uma literatura que se amplia cada vez mais, seja do ponto de vista de suas funções comunitárias, seja do ponto de vista de categorias como “patrimônio”. No primeiro caso, cf. SANTOS, Marco. “Periferia e Várzea: um espaço de sociabilidade” In: COSTA, Márcia et al. (org.). *Futebol: o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

Ao afirmar “*isso aqui não tem nada a ver com a várzea*”, o agente em questão está construindo seu universo a partir de um afastamento da várzea e da pelada e de uma aproximação com o profissional.

Essa aproximação com o profissionalismo se expressa de diversas formas. Uma delas reside no verdadeiro “orgulho” do grau de organização do campeonato – “*esse é o campeonato mais organizado do Brasil*”, disse um jornalista que cobre a Suburbana há duas décadas. Ou ainda, como afirmou um ex-jogador: “*Amador? Só no nome*”. Tal organização é apresentada, por vezes, como sendo superior a do futebol profissional: “*aqui não tem virada de mesa e nem tapetão*”, segundo um dirigente de clube. Para além disso, a aproximação com o futebol profissional ocorre a partir de dois fatos que merecem destaque: o caráter semiprofissional que regula a relação dos clubes com os jogadores e a relação de sazonalidade que muitos jogadores estabelecem entre a Suburbana e o futebol profissional.

O caráter amador do futebol praticado na Suburbana não reside na ausência de relações monetárias entre clubes e jogadores. Tais relações existem “desde sempre”, ou seja, desde 1941, quando o campeonato começou a ser disputado. A Suburbana, no tocante às relações monetárias, é um campeonato marcado por um semiprofissionalismo, onde jogadores e técnicos recebem valores por partida – embora tais valores sejam muito menores do que os praticados no futebol profissional. Obviamente, este é um ponto de difícil acesso a um pesquisador, à medida que os agentes, nesse sentido, declaram o caráter amador do campeonato e tendem a tratar da questão monetária de forma muito subreptícia. Esse semiprofissionalismo – nenhuma novidade em se tratando de prática de futebol no Brasil, como se verá adiante – aparece, desta forma, velado em discursos que são sempre indiretos²⁰. Por outro lado, em torno das relações monetárias, uma forma

p. 117-118; GONÇALVES, Alana Mara Alves. *Futebol Amador: campo emergente de sociabilidade*. Fortaleza, 2002. Dissertação de mestrado (Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. No segundo, cf. MAGNANI, José Guilherme e MORGADO, Naira. “Futebol de Várzea também é patrimônio” In: *Revista do Patrimônio Artístico e Nacional*, São Paulo, n. 24, 1996, p. 175-184. Cf., também, DAMO, op. cit. p. 45-47, para mais indicações bibliográficas.

²⁰ O que torna a observação participante, na forma como foi desenvolvida pela antropologia no século XX, o modo mais adequado para uma pesquisa sobre as relações monetárias na Suburbana. Entrevistas diretas não dão muita conta do tema, exatamente por seu caráter

muito ativa de relação com a alteridade e com a rivalidade é construída. Nesse caso, a aproximação com o profissionalismo oferece motes para denegações.

É o que transparece em um dos aspectos mais interessantes – e que ainda merece muitos estudos – da Suburbana: as acusações mútuas de profissionalismo, onde um clube acusa outro de estar se profissionalizando, ou seja, de estar pagando seus jogadores. Nos últimos anos, um dos clubes da Suburbana, por meio de relações familiares, passou a ser patrocinado por uma grande empresa, o que deu a ele uma série de vantagens em termos de estrutura²¹. Imediatamente, muitas acusações de profissionalização foram feitas por outros clubes, fato este que é uma atualização de inúmeros eventos semelhantes que ocorreram na história do campeonato²². Some-se a isto o fato de que “*está se profissionalizando*” é um tópico recorrente nos discursos dos agentes mais velhos – jornalistas, torcedores e ex-jogadores – ao tratar da Suburbana hoje. Um ex-jogador afirmou: “*Hoje em dia não é mais a mesma coisa. Jogam por dinheiro. No meu tempo [anos 60] se jogava por amor à camisa*”. Ou seja, o dinheiro oferece aqui não somente um eixo em torno do qual se constrói o jogo entre “nós e

velado. Ademais, não se trata aqui de “descobrir a verdade” (se os clubes pagam ou não seus jogadores), mas sim capturar, via texto, como agentes sociais elaboram tal questão. Ou seja, o velamento não é um obstáculo a ser vencido pelo pesquisador, mas sim um elemento a mais do próprio campo a ser descrito. Ao conversar com jogadores sobre este tema, chamava-me mais atenção a forma como o tema era tratado (com desconforto, velamento) do que seus dados objetivos (quanto se paga).

²¹ Um dos temas completamente inexplorados com relação à Suburbana diz respeito aos dirigentes dos clubes que disputam o campeonato: suas posições sociais, relações de interdependência, relações de patrocínio, dentre outros aspectos. Tal estudo seria extremamente útil para diversos campos de estudos: a história dos bairros de Curitiba, imigração, redes de lazer, parentesco e política. Vale lembrar que o estudo sobre dirigentes também está nos seus primórdios com relação ao futebol profissional. Cf., por exemplo, a tese de GODÍO, Matías. *Somos Hombres de Platea: a sociedade dos dirigentes e as formas experimentais do poder e da política no futebol profissional na Argentina*. Florianópolis, 2010. Tese de doutorado (Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina - sobre dirigentes no futebol argentino.

O tema dos patrocínios também renderia análises que teriam a oportunidade de observar redes econômicas bastante cotidianas, à medida que muitos clubes têm como patrocínio pequenas empresas comerciais, que operam em um nível local.

²² Em 1970, uma das equipes mais tradicionais do futebol amador de Curitiba, à época, o Operário do Ahú, se retirou da Suburbana, sob a alegação de que não poderia disputar um campeonato cada vez mais profissional.

eles”, mas também um eixo que oferece uma possibilidade de pensar o tempo: “nós de antigamente e eles de hoje em dia”²³.

O que interessa aqui é menos a veracidade do fato de equipes pagarem seus jogadores e muito mais o caráter de denegação que o termo “profissional” adquire neste contexto de fala. “Profissional” é sempre o Outro – seja esta alteridade pensada no espaço (o outro clube), seja pensada no tempo (a geração de hoje) – e, neste ponto, a proximidade do futebol profissional é usada de forma negativa. Não importa que todos pratiquem um semiprofissionalismo velado: o futebol profissional, neste contexto de fala, assume um lugar de exclusão, de negação do outro, e os jogos acusatórios revelam, em grande medida, esse aspecto²⁴.

²³ Aqui, tangencia-se um tema – o dinheiro e a desarticulação do mundo – que aparece, de forma transformada em muitos outros contextos explorados por antropólogos. JACQUES, Tatyana Alencar. *Comunidade Rock e Bandas Independentes de Florianópolis: uma etnografia sobre socialidade e concepções musicais*. Florianópolis, 2007. Dissertação de mestrado (Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. p. 84-91, mostra como a inserção em relações monetarizadas cria zonas de conflito entre jovens músicos de rock; por sua vez, em textos muito comentados, VELHO, Otávio. “O Cativo da Besta Fera” In: *Besta Fera – Recriação do Mundo: ensaios críticos de antropologia*. São Paulo: Direl, 1995. p. 4-31 e TAUSSIG, Michel. *O Diabo e o Fetichismo da mercadoria na América do Sul*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010 mostram como cosmologias camponesas formulam a introdução de relações monetarizadas em modos de produção tradicionais.

²⁴ A análise da dinâmica social estabelecida por estas acusações pode ter seu paralelo nas acusações de feitiçaria em sociedades africanas, estudadas pela antropologia britânica entre as décadas de 30 e 60. Autores como EVANS-PRITCHARD, Edward. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, e DOUGLAS, Mary. *Os Lele Revisitados*, 1987. Acusações de feitiçaria à solta In: *Mana – Revista de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-30, 1999, sobretudo esta última autora, descreveram como as acusações de feitiçaria colocavam grupos domésticos ou territoriais em relação de interdependência - era preciso acusar alguém do outro grupo – de modo que tais acusações operavam como um dos elementos que mantinham a dinâmica social. Por outro lado, vale lembrar do texto clássico de GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global Universitária, 1987. p. 227-344, onde, a partir da análise das tensões entre grupos raciais, ele mostrava como o conflito fazia parte de uma estrutura que, por meio dele, se mantinha em uma situação de relativa estabilidade. Ao mesmo tempo, tais conflitos estavam no cerne de possibilidades de transformação da estrutura. O mesmo ocorre aqui. Todos se acusam desde sempre e isto faz parte da Suburbana. Vez ou outra, no entanto, um e outro clube vão além da mera acusação e se desligam do campeonato (estrutura), operando a mudança de seus quadros. Cf., também, as análises que ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, fizeram da fofoca enquanto modo de regulação das relações sociais em uma pequena comunidade inglesa. Ali também era possível observar as acusações como mecanismo de construção de identidades e alteridades. Em suma, este jogo de acusações na Suburbana ainda merece ser estudado mais profundamente.

Uma segunda aproximação com o universo do profissionalismo diz respeito ao trânsito de jogadores entre a Suburbana e o futebol profissional. Esse trânsito pode ser descrito em termos de uma perspectiva temporal, onde o profissionalismo aparece como passado, presente e futuro. O primeiro caso é representado por ex-jogadores profissionais que, finda carreira profissional, atual pelas equipes que disputam a Suburbana. Em 2010, por exemplo, o Urano contava no seu meio campo com Reginaldo Vital, ex-meia com passagens destacadas pelo Paraná Clube e Atlético Paranaense. A equipe campeã da Suburbana em 2012, Bairro Alto (Clube Atlético Bairro Alto, fundado em 1987), contava com Alex Mineiro, Nem e Rogério Correa – três jogadores que atuavam na equipe do Atlético Paranaense, campeão brasileiro de 2001. No começo da década de 90, foi muito destacada a passagem do goleiro Roberto Costa (que atuou pela seleção brasileira nos anos 80) pela equipe do Vila Fanny (Vila Fanny Futebol Clube, fundado em 1952). Em suma, a Suburbana aparece como um atrativo para jogadores que se retiram do profissional: ali podem atuar sem a pressão do universo profissional – seja em termos de capital corporal, seja em termos de capital futebolístico – mas em um nível superior ao do universo das peladas. Tais jogadores, em alguns casos, exigem um investimento do clube que o coloca par a par com clubes do futebol profissional²⁵. Aqui é o caso em que o profissionalismo é o lugar do passado e nesta situação se encontram muitos atuais jogadores da Suburbana, bem como treinadores.

Há casos – e estes são comoventes de se ouvir, porque envolvem a dimensão de “ascensão social” que significa o futebol para muitas pessoas – de ex-jogadores que tiveram sua carreira abreviada – por questões de contusão, por exemplo – e que encontraram na Suburbana um lugar de trabalho. Neste caso, o profissionalismo aparece como um “devir não realizado”, não raro associado a discursos de vitimização: “*Eu dei azar* [no

²⁵ Segundo depoimento do presidente do Bairro Alto ao jornal Gazeta do Povo, com o investimento do clube em 2012 daria para disputar a série B do campeonato paranaense de futebol profissional. Cf. GAZETA DO POVO. “Bairro Alto aposta em time galáctico na Suburbana”. Reportagem de Maurício Fernando Kern. Curitiba, 15/09/2012. Disponível em <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/suburbana-em-campo/bairro-alto-aposta-em-time-galactico-na-suburbana/>).

profissional]. *Primeiro me machuquei muito. Depois um técnico que estava lá não me deu oportunidade. Achei melhor voltar e aqui em Curitiba não tive espaço em lugar nenhum. Daí apareceu esta escolinha*”, disse um ex-jogador que rodou por equipes profissionais da segunda divisão de São Paulo e que agora atua numa escolinha de futebol que funciona nas dependências de um dos clubes que disputam a Suburbana.

Mas o profissionalismo também pode ser um projeto de futuro. A Suburbana é disputada em duas categorias, adulto e juvenil. Nesta última, cujas partidas são realizadas sempre antes da categoria adulto – na forma de rodada dupla – é que aparecem em maior evidência projetos de ascensão social através do futebol. Muitos garotos jogam nas equipes amadoras da cidade (de maneira completamente informal) e em equipes juvenis do futebol profissional. Em outros casos, jogadores juvenis dispensados de equipes profissionais passam “um tempo” em equipes amadoras. De toda forma, entre estes jogadores mais jovens o profissionalismo ainda é um “devir possível” e a Suburbana ou outros campeonatos amadores são vistos como lugares provisórios²⁶. Os exemplos de nomes que se tornaram famosos no futebol profissional e que começaram na Suburbana, neste caso, são citados com frequência: atualmente, o nome de Cuca – ex-jogador com passagem destacada no Grêmio (de Porto Alegre) na segunda metade dos anos 80 e técnico do Atlético-MG, em 2012 e 2013 – é muito citado devido a sua passagem pelo Iguazu no começo de sua carreira.

Esse caráter de “lugar provisório” marca também a atividade de muitos jogadores que não são juvenis e que disputam a Suburbana como um interregno em suas carreiras profissionais. Este é um aspecto que parece muito interessante e que revela as interconexões entre a matriz espetacularizada e a matriz comunitária da prática futebolística, no qual a Suburbana poderia ser vista como um “mercado de reserva”, ou ainda, para

²⁶ Durante a pesquisa de campo, um aspecto que se imaginava corrente e que não se concretizou foi a presença de observadores dos clubes profissionais, os chamados “olheiros”, cuja função é descobrir talentos. Eles até existem, mas em grau muito menor do que o esperado. O que ocorre é que treinadores e dirigentes da Suburbana fazem esta intermediação: ao perceber algum jogador com chances no profissionalismo, eles estabelecem o contato entre o jogador e o clube profissional. Isso é possível muito em função do fato de que treinadores e dirigentes são ex-jogadores com passagens mais longas ou mais breves pelo futebol profissional.

usar a expressão de um torcedor, “*um lugar de engorda*” para o mercado profissional. É muito comum jogadores disputarem o campeonato paranaense de futebol profissional por um clube do interior e no restante do ano disputarem a Suburbana, caso não consigam (ou não desejem) um lugar em algum clube que vai disputar o campeonato brasileiro em alguma de suas divisões. Um jogador comentou “*é melhor jogar aqui que disputar a série C do campeonato brasileiro*”. Desta forma, entre o profissionalismo e o amadorismo é estabelecida uma relação de sazonalidade que, segundo ouvi durante a pesquisa, abarca muitos dos jogadores da Suburbana – um jornalista que cobre o campeonato estipulou em mais de 50% o percentual de jogadores envolvidos nesta sazonalidade. O profissionalismo aqui é o presente, mas que não se sustenta por si – daí o recurso ao amadorismo da Suburbana e o seu semiprofissionalismo velado, sendo que essa relação de sazonalidade, somente esboçada aqui, constitui um dos aspectos a ser estudado ainda entre jogadores da Suburbana²⁷. Ser uma “chuteira imortal” – para usar a expressão de Nelson Rodrigues e que marca muito do aspecto sociológico relacionado ao futebol – é um projeto corrente que orienta muitas das ações de muitos jogadores da Suburbana, que disputam jogos aos sábados à tarde em estádios modestos e que sonham em disputar partidas das tardes de domingo – o futebol espetáculo – em um estádio bem maior.

Quando assisti pela primeira vez a uma partida da Suburbana, em agosto de 2010, imaginava, devido ao caráter amador do campeonato, que ali o futebol espetacularizado seria apenas uma sombra distante. Ledo engano: ele está em todo lugar. Nos rituais, nos desejos, nos projetos e é impossível pensar a Suburbana sem referência ao futebol das “chuteiras

²⁷ De certa forma, a Suburbana está inserida no mercado de formação de jogadores, tal como descrito por DAMO, op. cit.. O que necessita de mais estudos são as redes desta inserção, ainda muito pouco esboçadas na pesquisa que deu origem a este artigo. Cf. também RIAL, Carmen. “Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiro no exterior” In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, jul./dez. 2008, p. 21-65 e RUGGI, Lennita Oliveira. *Em Campo: transferências internacionais de futebolistas brasileiros*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009, sobre o funcionamento do mercado de transferência de jogadores para o exterior. Ao contrário do que parece a muitos, este mercado não opera somente com jogadores consagrados no mercado interno brasileiro. Pelo contrário, e na Suburbana há vários casos disto, muitos jogadores fazem o circuito “futebol amador-futebol profissional brasileiro série C ou B – futebol amador – futebol profissional de mercados marginais como o Leste Europeu”.

imortais”. No entanto, descrevê-lo somente em relação ao profissionalismo é construir um quadro distorcido, que minimiza o outro lado do evento: aquele que estabelece laços com a vida da comunidade, dos bairros, do cotidiano. Este lado também é parte, e muito presente, da Suburbana.

Devolver o que é dado: o aspecto comunitário da Suburbana

Se por um lado, a Suburbana pode ser descrita na sua interdependência com o futebol profissional, por outro lado acompanhar o campeonato é observar também uma série de fatos cuja compreensão exige que se leve em conta as relações comunitárias envolvidas na Suburbana. Tais fatos nos ajudam a dimensionar a inserção da Suburbana no cotidiano de muitas pessoas em Curitiba. Para muitos curitibanos, a Suburbana é uma atividade de lazer que promove um trânsito de pessoas pela cidade, entre seus bairros, de modo a acompanhar uma partida de futebol.

Em primeiro lugar, é preciso não subestimar o fato de que a maioria dos clubes que disputam a Suburbana são também espaços de lazer em seus bairros. Para além de serem clubes de futebol, eles são também lugares de uma série de práticas de sociabilidade, tais como bailes, formaturas, quermesses, festas, além de serem espaços de encontro de moradores dos bairros. Um bom exemplo eram as partidas no estádio Egydio Pietrobelli, do Iguaçu. Ao mesmo tempo em que uma partida era disputada, muitas outras atividades aconteciam concomitantemente: campeonatos de truco, pessoas confraternizando diante de uma TV (passando futebol) no bar do clube, jogos de sinuca e outras atividades. O mesmo cenário ocorria na maioria dos estádios onde as partidas eram disputadas – dificilmente, o evento consistia apenas de uma partida de futebol. Essa dimensão de espaço de lazer aproxima a Suburbana daquilo que Damo²⁸ chamou de “matriz comunitária” da prática futebolística – representada pelo futebol de várzea.

Para além disso, as próprias partidas possuem uma dinâmica onde não operam, ainda, elementos observados no futebol de espetáculo. É o caso das torcidas, que tendem a não ser separadas. Aliás, a própria

²⁸ DAMO, op. cit.

espacialidade dos estádios, com boa parte da torcida assistindo de pé, junto ao alambrado, contribui para isto. As torcidas existem, inclusive as organizadas – porém sua participação, em comparação com o que se observa no futebol profissional, é muito menor. O mais comum é que os torcedores assistam aos jogos sem estarem separados de acordo com as equipes de sua predileção, tomando sua cerveja e comendo o pão com bife – considerado a “iguaria da Suburbana”. Ou seja, as partidas da Suburbana são eventos de cunho muito mais comunitário do que as correlatas do futebol de espetáculo – o que não significa a ausência de confusões envolvendo torcidas (nas finais de 2010 e 2012, por exemplo, a polícia teve que intervir para separar torcedores).

No entanto, o caráter “comunitário” da Suburbana também pode ser observado dentro de campo, onde impera, muito mais do que no futebol profissional, uma ética baseada na reciprocidade, a partir da qual “o que é dado tem que ser devolvido”. Em uma partida entre Nova Orleans e Trieste, a torcida do primeiro exigia que o jogo violento da primeira partida – no estádio do Trieste – fosse devolvido dentro de campo. E, de fato, um olhar mais atento percebe que as partidas da Suburbana tendem a ser mais ríspidas do que as do futebol profissional. As partidas, com frequência, entram em zonas de tensão, com muitas reclamações das equipes em torno da arbitragem e entre elas próprias. Em suma, há sempre um conflito à espreita.

Esse é um aspecto que somente pode ser esboçado aqui, pois ainda merece maiores aprofundamentos. Porém, o que eu gostaria de enfatizar é que códigos morais bastante explícitos – envolvendo noções de pessoa, honra, masculinidade – são ativados durante as partidas. Ao contrário do futebol profissional, onde há uma tentativa – nem sempre bem sucedida – de domesticação das tensões, na Suburbana tal processo é muito mais tênue. No profissionalismo, as tensões tendem a ser evitadas e operar numa ética de reciprocidade muitas vezes é criticado como “falta de profissionalismo”. Nesse ponto, é importante lembrar a valorização, no futebol de espetáculo, do *fair play*, que pode ser visto como um regime moral a regular as relações

envolvidas no jogo²⁹. Ao mesmo tempo, o *fair play* tem um aspecto muito interessante de renúncia, à medida que ele convida o agente a abrir mão da reciprocidade – que marca muito das relações comunitárias – em determinados aspectos, marcadamente o da violência³⁰.

Exatamente por ser regida mais por códigos comunitários do que aqueles do futebol de espetáculo, a Suburbana possui uma fama de violenta. É parte do folclore de Curitiba referências à violência que reina nas edições da Suburbana, violência esta que está ligada à tensão que se observa durante as partidas. Em certa medida, o que não há é o grau de renúncia à reciprocidade que se observa, cada vez mais, no futebol de espetáculo: um lance violento será revidado e assim por diante. Exatamente por este ponto, as partidas da Suburbana chamam a atenção pelos bate-bocas e discussões entre jogadores e entre estes e os juízes. As torcidas, por sua vez, que raramente brigam entre si – conforme foi afirmado, não há, em geral, separação de torcidas – acabam participando desta tensão de dentro de campo. Em várias partidas que acompanhei, houve problemas para o juiz ou o time visitante sair do estádio, em função deste princípio da reciprocidade: o que é dado será devolvido³¹.

Neste sentido, o que se observa na Suburbana, sobretudo quando se comparada como futebol de espetáculo, é que ali o processo de

²⁹ Para uma análise sociológica do *fair play*, analisando-o como elemento de regulação moral, cf. BRITO, Simone; MORAIS, Jorge Ventura de e BARRETO, Túlio Velho. Regras de Jogo versus Regras Morais: para uma teoria sociológica do fair play In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 133-146, 2011. Vale observar que este ponto pode ser analisado também a partir de uma literatura, vasta, que tem como objeto a noção de honra. Para uma introdução a esta literatura, v. o artigo de TEIXEIRA, Carla Costa. O preço da honra. In: *Série Antropologia*, Brasília, n. 253, 1999. p. 1-24. Para um estudo sobre a construção da masculinidade a partir do futebol, cf. FARIA, Eliene Lopes. Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidade. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 18, 2009, p. 65-86.

³⁰ Lembremos do peso da reciprocidade na análise que BOURDIEU, Pierre. Três Estudos de Etnologia Cabila. In: *Esboço de uma Teoria da Prática*. Oeiras: Celta Editora, 2002. p. 3-131, faz da honra entre os Kabila. A honra é construída a partir de uma administração do tempo do dar e do devolver: jamais algo que foi dado deve ser retribuído imediatamente. Uma análise semelhante aparece na etnografia de WACQUANT, Loïc. *De Corpo e Alma*: notas etnográficas de um aprendiz do boxe. São Paulo: Relume Dumará, 2002, entre lutadores de boxe de Chicago: o bom lutador é aquele que devolve o golpe, na hora certa e na medida certa. Um lutador que espanca seu oponente – ou seja, que dá mais do que este pode devolver – é visto como um mau lutador.

³¹ Como geralmente a torcida “acerta as contas” com o juiz ou com o time adversário ao final do jogo, este é o momento em que um pequeno efetivo policial aparece nas partidas da Suburbana. Durante a maioria do tempo das partidas, não há policiamento algum.

normatização e repressão das pulsões, descritas por Norbert Elias como processo civilizatório – e que, conforme o próprio Elias³² (1976 e 1985) é central para a compreensão da normatização das práticas esportivas, a partir da segunda metade do século XIX – é menos intenso, o que significa que ele existe mas opera em menor grau. De novo: vale lembrar da proximidade com o profissionalismo. Em uma determinada partida, tirei fotos de uma confusão entre jogadores ao final do jogo, sendo que logo após a confusão fui procurado por três deles e “convidado” a apagar as fotos, já que seu temor era que com a publicação das fotos suas carreiras fossem prejudicadas³³. No entanto, os conflitos – sobretudo dentro de campo – são muito mais mediados por regras comunitárias e, portanto, baseadas no princípio da reciprocidade, do que no futebol profissional. Neste, a reciprocidade é, a todo momento, escamoteada em nome de um princípio civilizatório. Na Suburbana, não: é por ela que a comunidade se faz perceber.

Um dos temas centrais da história da antropologia é a noção de pessoa, consagrada a partir de um texto seminal de Marcel Mauss em 1938³⁴. Desenvolvimentos teóricos posteriores – a obra de um aluno de Mauss, Louis Dumont, entre as décadas de 50 e 80, a partir de estudos sobre a sociedade indiana, ou ainda, as etnografias produzidas pela antropologia inglesa entre as décadas de 40 e 60 – ajudaram os antropólogos a formular

³² ELIAS, Norbert. Sport et violence. In: *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, Paris, v.2, n. 6, p. 2-21, décembre 1976; ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1985. p. 187-222.

³³ Minha inserção no campo foi mediada em grande medida por uma máquina fotográfica. Alguns jornalistas, dirigentes, torcedores e jogadores com quem conversei e entrevistei sabiam do teor da pesquisa que eu estava fazendo. Mesmo assim, essa compreensão não era generalizada. Para muitos jogadores que me viam fotografando os jogos, eu parecia um jornalista. Mais de uma vez tive que responder a pergunta “você é jornalista?”, ao que eu respondia que era professor de uma universidade e estava escrevendo um livro sobre a Suburbana. Com exceção desta situação da briga, não tive nenhum problema e nenhum impedimento em registrar fotograficamente as partidas. Aliás, era solicitado quanto a isto e em um universo onde o nome e o reconhecimento são eixos centrais para a construção da pessoa, a fotografia é um capital simbólico valioso. Sobre este ponto, minha inserção no campo como pesquisador (em comparação com outra pesquisa que realizei, sobre música – OLIVEIRA, Allan de Paula. *Miguilim foi pra cidade ser cantor*. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009), pretendo escrever em breve.

³⁴ MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

quadros onde em alguns casos a sociabilidade é pensada a partir de grupos, conquanto em outros o indivíduo – segundo Mauss, uma construção histórica específica (portanto, não universal enquanto categoria social) – é o valor central³⁵. De alguma forma, pode-se fazer a pergunta se o que observamos no futebol de espetáculo atualmente é um movimento no sentido de uma “impersonalização” das relações, ou seja, um movimento de normatização e controle dos códigos sociais marcados pelo coletivo, pela noção de pessoa. Isto significa que os espaços de operação de códigos coletivos serão cada vez mais reduzidos e o que estou tratando por “reciprocidade” é um deles. Quanto mais profissional um campeonato – e, por extensão, maior o espetáculo – se torna, maior o peso das relações impessoais e mais escamoteadas as pessoais.

O que a Suburbana nos oferece é um meio-termo disto. Este texto tentou apresentar ao leitor um modelo no qual este campeonato de futebol amador é descrito na sua grande proximidade com o futebol profissional, tendo ainda, contudo, aspectos comunitários bastante marcados. Nesse sentido, a Suburbana é um espaço onde as relações pessoais, marcadas pela ideia de grupo, comunidade, bairro, o “nós” contra o “eles” ainda tem um peso considerável, embora dentro de campo ela tente a impessoalidade do futebol profissional. O interessante é exatamente este meio-termo. À princípio se espera de um campeonato amador o predomínio do caráter comunitário e a Suburbana, em certa medida, quebra esta projeção. Ela não pode ser compreendida sem relação ao futebol profissional, do qual é, cada vez mais, um mercado de reserva. No entanto, descrevê-la somente com relação ao profissionalismo é perder o que ocorre fora de campo, entre aqueles que a assistem³⁶.

³⁵ Para uma introdução à temática da noção de pessoa, com exegeses da obra de Mauss, Dumont e dos antropólogos ingleses, cf. GOLDMAN, Márcio. Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa. In: *Alguma Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

³⁶ Em hipótese alguma a frase “quanto mais profissional, mais impessoal” deve ser lida em termos absolutos. Embora o futebol de espetáculo tenda a uma impessoalidade cada vez maior, isto não significa que ele seja bem sucedido. Um dos aspectos da obra de Louis Dumont é mostrar que o projeto individualista da modernidade (e que permite a “impersonalização” das relações sociais) não foi tão bem sucedido quanto desejava: a ética de grupo, ou ainda, a noção de pessoa opera em muitos domínios do mundo moderno.

Do Fair Play à Sazonalidade Informal

Por fim, é interessante pensar em alguns significados que a Suburbana oferece para a análise. Um deles diz respeito ao seu caráter de “campeonato de futebol amador” diante do peso do futebol de espetáculo nas representações sobre o esporte. Este é um ponto curioso porque, em grande medida, a “educação sentimental” de muitos envolvidos na Suburbana é dada pelo futebol de espetáculo³⁷. É sonhando em ser um jogador profissional de destaque que muitos jovens atuam nos clubes da Suburbana; é tendo vivido o futebol profissional espetacularizado que ex-jogadores profissionais atuam na Suburbana; é como torcedor de um time de futebol espetacularizado que muitos torcedores vão torcer por equipes da Suburbana³⁸. Diante dessa onipresença do futebol espetacularizado, o que significa um campeonato de futebol amador?

Uma primeira resposta seria a própria diversidade das práticas futebolísticas, como apontado por Arlei Damo³⁹. Estas não se resumem ao futebol de espetáculo, às partidas do campeonato brasileiro ou a um jogo da Champions League. Há o campeonato de times de várzea, há a pelada no intervalo do trabalho na fábrica, há os garotos jogando em um campo de terra, há a partida mista (com homens e mulheres) na aula de educação física. A Suburbana seria um elemento nesta diversidade dos futebóis. No entanto, e esse foi um dos objetivos desse texto, entre essas práticas há uma relação mediada, a meu ver, cada vez mais, pelo futebol de espetáculo. E, por isso, o significado deste campeonato amador também pode ser pensado em função do futebol de espetáculo, profissional e midiático.

³⁷ E isso vale para o pesquisador também. A medida de todas as coisas que eu observava era dada pela minha relação pessoal com o futebol de espetáculo, como torcedor e espectador (já que consumo muito futebol pela TV). A medida do que seja uma boa partida de futebol, a medida do que seja um bom jogador, uma boa equipe, uma boa jogada, me é dada pelo futebol espetáculo – daí a sensação de que a maioria das partidas que assistia na Suburbana eram “ruins”. Repare o leitor que não se trata aqui de uma veleidade pós-moderna de me colocar no texto, mas sim de chamar a atenção para as fontes das representações relacionadas ao futebol e que orientam as ações e os julgamentos, sejam dos agentes envolvidos na prática, sejam do próprio pesquisador.

³⁸ O exemplo é uma das torcidas organizadas do Pilarzinho (Operário Pilarzinho Sport Club, fundado em 1951 e tendo o nome do bairro onde tem sua sede), que é parte de uma torcida organizada do Paraná Clube, um dos principais clubes profissionais de Curitiba.

³⁹ DAMO, op. cit..

Para compreender este significado, é preciso levar em conta, aqui, algumas inflexões históricas da expressão “futebol amador”. O futebol moderno nasce amador, marcado pelos códigos de ética e comportamento de determinados estratos sociais e se populariza, sofrendo, a partir do último quartel no século XIX e as três primeiras décadas do século XX, uma série de transformações, entre elas o advento do profissionalismo. No Brasil, a profissionalização do futebol começou em 1933, após um período de um pouco mais de uma década onde um semiprofissionalismo foi praticado de forma escusa⁴⁰. A Suburbana, que começou a ser disputada em 1941, tem seu significado primeiro atrelado a este movimento: a Liga Suburbana de Curitiba era formada por clubes que não se profissionalizaram em um momento onde esta ação estava ocorrendo. Somente uma pesquisa historiográfica mais acurada poderá dizer se estes clubes não se profissionalizaram por falta de interesse ou por falta de condições. No entanto, é interessante pensar neste ponto: “não se profissionalizar quando isto é possível”.

O amadorismo no futebol moderno tem sua origem ligado a um processo de distinção de classe, que apregoava valores como o *fair play*, visto, naquele momento, como um código de conduta que renunciava ao dinheiro⁴¹. Durante a segunda metade do século XIX e começo do século XX houve um debate no sentido da manutenção desses valores, à medida que o futebol incorporava classes sociais menos favorecidas – as quais demandavam a possibilidade de que o futebol fosse um trabalho. Em suma, até o advento da profissionalização, o amadorismo tem este caráter de distinção, de *fair play*, de elegância e de desprendimento. No entanto, este significado ganha novos contornos a partir do momento em que a profissionalização se torna uma ação possível.

⁴⁰ A historiografia sobre a profissionalização no futebol brasileiro, nas décadas de 20 e 30, é cada vez mais ampla. Cf., como ponto de partida, LEITE LOPES, José Sérgio. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira e FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 121-163, e PEREIRA, Leonardo. *Footballmania: uma história social do futebol*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁴¹ FRYDENBERG, Julio. *História Social del Fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

É possível que alguns clubes que disputaram a Suburbana em 1941 eram clubes que não podiam se profissionalizar, por falta de condições. Alguns, ao longo das décadas, fizeram esse movimento, para depois retornarem ao amadorismo. É o caso do clube Primavera (Clube Atlético Primavera), fundado em 1930 e que, entre 1961 e 1969 se profissionalizou, não conseguindo manter essa condição. Ou seja, desde sua fundação, a Suburbana apresenta um amadorismo que não é tanto aquele do *fair play* do futebol de antes da era profissional, mas muito mais um amadorismo que, conforme foi apontado anteriormente, tem no profissionalismo uma relação de constituição, de “devir possível”. Um dos aspectos dessa relação é o que esse texto tentou apresentar: a Suburbana como uma reserva de mercado do futebol profissional, como um espaço de trabalho informal e sazonal para muitos jogadores. Se o amadorismo em um primeiro momento era uma negação do profissionalismo, a Suburbana mostra como ele pode ser, agora, uma parte do universo profissional, um domínio complementar que opera como espaço de trabalho sazonal. Se em um primeiro momento, ser amador era uma ação moral de distinção, agora o amadorismo pode ser uma estratégia dentro de um quadro que opera por sazonalidades.

É claro que o futebol amador, muitas vezes, está muito longe do profissionalismo. Como foi afirmado, existem centenas de campeonatos em Curitiba caracterizados, aí sim, por um amadorismo que beira a bricolagem da pelada. Não é este o caso da Suburbana, um campeonato amador que nos permite perceber a relação dinâmica entre códigos comunitários e os mitos prometidos pelo futebol de espetáculo. Em suma, um campeonato amador onde seus agentes não hesitam em afirmar: “*amador? Só no nome*”.

Recebido em 04.02.2014
Aprovado em 21.05.2014